

Estudantes e professores defendem assistência psicológica nas escolas

Proposta que obriga a oferta de atendimento durante a educação básica tem apoio de jovens e de colégios, já que 80% dos afastamentos de docentes estão relacionados a causas psíquicas e os alunos esperam ajuda no desempenho escolar, no enfrentamento de problemas sociais e na orientação para a vida

Sergio Vieira

A OFERTA DE assistência psicológica para alunos e professores em todo o ciclo da educação básica pode se tornar obrigatória com a aprovação de um projeto que está em análise no Senado. A sugestão foi apresentada por participantes do Projeto Jovem Senador, em 2013, e tramita com um projeto de lei da Câmara com o mesmo objetivo (PLC 76/2011). A educação básica engloba a educação infantil, o ensino fundamental de nove anos e o ensino médio.

Na justificativa, os jovens senadores Jaqueline Moro, Dieleem Campos, Wenia Oliveira, Rodrigo Sá e Edson Dionísio

defendem que a parceria com a psicologia vai provocar uma melhoria estrutural no desempenho dos estudantes, mencionando que a nova política pública deve contemplar “um atendimento direto aos alunos”.

“Poderia fazer ainda muita diferença no enfrentamento a causas de grande sofrimento para nossa juventude, como violência e gravidez precoce ou até mesmo o vício em entorpecentes e álcool”, anotaram.

O projeto apresentado originalmente pela deputada Raquel Teixeira (PSDB-GO) já foi aprovado pela Câmara e, no Senado, foi unido ao PLS 557/2013, dos jovens senadores. Após passar na Comissão de Assuntos Sociais

(CAS), a proposta encontra-se na Comissão de Educação (CE), com a relatora, Marta Suplicy (PMDB-SP).

No Portal e-Cidadania, o projeto conta, até o momento, com 20.664 manifestações favoráveis, contra apenas 77 contrárias.

Mediação

O diretor da União dos Estudantes Secundaristas do Distrito Federal (UES-DF), Marcelo Acácio, defende que a atuação efetiva de psicólogos teria efeitos positivos.

— Acho que eles devem atuar em parceria com os orientadores educacionais, que hoje estão sobrecarregados, na prática exercendo uma dupla função. Acácio também acredita que os psicólogos poderiam auxiliar bastante na mediação de problemas surgidos na relação aluno-professor. Para ele, a presença também de psiquiatras não pode ser descartada, pois conhece colegas que sofrem de depressão e que só conseguem acompanhar o conteúdo acadêmico à base de tratamento medicamentoso.

O estudante também acredita que os psicólogos cumpriram um papel essencial no enfrentamento ao *bullying* e à depen-



Participantes do Projeto Jovem Senador de 2013 aprovaram a sugestão de projeto que agora é analisado no Senado junto com outra proposta sobre o tema, de deputada

dência química.

— O acesso a álcool e cigarros é muito fácil e, na minha opinião, as campanhas antidrogas veiculadas pela mídia possuem um efeito contrário, na prática aguçam a curiosidade — adverte.

Emendas

A senadora Marta Suplicy, que também é psicóloga, afirma ver pontos positivos na proposta, mas adianta que pretende emendá-la. A intenção é propor uma “rede de segurança escolar” para estudantes que apresentem problemas. Essa rede incluiria o atendimento fora do horário e do ambiente escolar, se necessário diariamente, por meio de um tratamento especial do qual fariam parte visitas às famílias dos estudantes.

— O ideal é que no corpo

multidisciplinar das escolas haja um profissional capacitado para esse tipo de intervenção, com uma “antena”, com sensibilidade e olhar no acompanhamento de crianças e jovens que demandem uma atenção especial.

Marta elogiou o formato dado ao projeto na CAS, quando foi relatado pela senadora Rose de Freitas (PMDB-ES), que incluiu a oferta da assistência psicopedagógica além da psicológica e a permissão para formação de equipes multidisciplinares de atendimento.

— O psicólogo é quem tem a formação mais apropriada na composição das equipes multidisciplinares, porém o profissional não precisa necessariamente ter esta formação.

Marta disse que vai relatar o projeto com base em sua ex-

periência na Prefeitura de São Paulo (2001–2004) e na gestão que considera bem-sucedida de Claudia Costin à frente da Secretaria de Educação do Rio de Janeiro (2009–2014).

— Durante a gestão de Claudia Costin, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica [Ideb] no Rio cresceu 22%, com resultados expressivos em comunidades carentes.

A relatora na CE reforça que o Brasil vive uma condição social em que muitas crianças crescem em famílias desestruturadas, com múltiplos problemas como casos gravíssimos de violência, abuso sexual e uso de drogas por parte de familiares.

— A consequência dessa situação é que essas crianças acabam não conseguindo acompanhar o conteúdo escolar de maneira

satisfatória, também em alguns casos causando problemas na própria dinâmica das aulas.

Apoio

Marta disse ver com “naturalidade” o amplo apoio que o PLS 557/2013 tem na internet.

— A não ser nas escolas mais afluentes, não tem um espaço para o aluno conversar. Não tem um espaço para educação sexual, ou privacidade suficiente para que ele expresse seus medos.

Para a senadora, é um “grande retrocesso” a posição de setores da sociedade que pedem restrições na discussão de temas relativos à diversidade sexual, de gênero ou de abordagem feminista pelas escolas.

— Isso só gera mais frustrações e sofrimento e torna mais importante a assistência de psicólogos.

Sindicato abriu clínica coletiva para apoiar professores

Uma pesquisa feita pelo Conselho Nacional de Secretários de Estado de Administração (Consad) constatou que, em vários estados, a Secretaria de Educação é o órgão que apresenta o maior percentual de servidores públicos afastados por doença. A estatística é liderada pela Secretaria de Educação do Distrito Federal, onde os índices chegam a atingir 58% de profissionais afastados por licença médica ao menos uma vez por ano: mais de 10 mil afastamentos ao ano.

O secretário de Saúde do Trabalhador no Sindicato dos Professores do Distrito Federal (Sinpro-DF), Manoel Alves Filho, revela que devido à grande demanda a entidade tomou a iniciativa de prestar assistência psicológica aos docentes para os casos mais graves. Isso porque 80% dos atestados médicos estão relacionados de alguma forma a situações de sofrimento psíquico apresentadas pelos docentes.

■ **O projeto que o Senado analisa pode reduzir os afastamentos de professores?**

Manoel Filho — As condições precarizantes do trabalho docente vêm gerando um



Para Manoel Filho, apoio de psicólogos poderá prevenir doenças de docentes

sofrimento muito grande na nossa categoria. O sofrimento profissional é normal, o problema é quando ele passa a gerar doenças. Temos cerca de 10% dos professores já doentes e 38% em adoecimento, inclusive em estado avançado. Dentro dessa estatística, quase 80% dos casos estão relacionados ao adoecimento psíquico. Se o PLC 76/2011 for efetivado, pode contribuir na promoção da saúde e prevenção de doenças, o que é melhor que tratar o doente.

■ **Essa situação levou o sindicato a efetivar uma parceria com psicólogos?**

Sim. Estabelecemos uma psicodinâmica de trabalho buscando diagnosticar e superar essa situação, porque o ambiente

escolar se reflete não apenas nos professores, mas também nos alunos e nos pais. Temos uma clínica que intervém nos casos mais graves envolvendo professores já doentes ou em adoecimento. Mas nossa intervenção é sempre coletiva, e relacionada ao ambiente escolar. Deslocamos a equipe de psicodinâmica do trabalho à escola se necessário, a partir de casos que chegam à clínica.

■ **O que provoca mais sofrimento ao professor?**

Baixa remuneração, pouco reconhecimento do trabalho e perda da identidade profissional. Mas o que mais causa adoecimento psíquico é a baixa relação democrática no ambiente escolar.

Para especialista, demanda parte de todos os setores

Vladimir Melo é psicólogo clínico e bolsista da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal para seu doutorado na Universidade Católica de Brasília. Também atua como palestrante em escolas públicas do Distrito Federal.

■ **Quais são as principais demandas hoje na interface psicologia-escola?**

Vladimir Melo — É cada vez mais presente a demanda da própria escola para que a família busque um tratamento especializado para o jovem, devido às dificuldades estruturais do sistema. Mas há uma demanda de todas as partes em algum momento. Especialmente no ensino médio, que coincide com a adolescência e com uma carga de estudos muito superior à que o jovem estava



Vladimir Melo diz que escolas demandam orientação sobre bullying e sexualidade

acostumado. Esse quadro estressante acaba estourando no ambiente familiar.

■ **Como o psicólogo colabora com os professores?**

Já se reconhece o *bullying* como um grave problema social, uma violência contra crianças e jovens que não é fácil de combater, porque quase

sempre ocorre nos momentos em que o professor não está presente, no recreio ou mesmo fora da escola. Está claro que os professores precisam de uma formação continuada sobre o assunto. Também existe uma demanda grande por apoio de psicólogos nas questões de gênero e sexualidade.



Marta quer aprimorar a proposta para oferecer uma rede de segurança escolar

“Psicólogos podem contribuir no avanço cultural do país”

A presidente do Conselho Regional de Psicologia no Distrito Federal, Vanuza Sales, afirma que os estudantes na educação básica estão na fase de “definir caminhos” e que a interface psicologia-escola pode contribuir nesse processo.

Vanuza é especialista em psicologia escolar pela Universidade de Brasília (UnB) e atua na Secretaria de Educação do Distrito Federal.

■ **Você acha que os estudantes**

têm sofrido mais de ansiedade e se sentem muito cobrados?

Vanuza Sales — Sim, porque vivemos numa sociedade muito rápida, volátil, em que tudo é para agora. Os jovens já são naturalmente mais ansiosos e agora há uma cobrança muito maior pra que eles deem conta de todo um conjunto de ansiedades, incluindo as da família, as sociais, de definição de carreira etc. Se nesse processo ele não consegue se perceber, pode

acabar recorrendo ao que aparenta ser uma solução rápida, e aí pode se instalar uma dependência química, uma fuga que o tira da cobrança intensa. A escola deve exercer um papel estruturante para que o jovem evite isso, equipando-o criticamente para as boas escolhas e é aí que a psicologia entra.

■ **O psicólogo na escola pode melhorar as notas e ajudar na eventual escolha de um curso superior?**

Sim, mas não só nisso. Em Brasília, eu tive a oportunidade de atuar no suporte a estudantes com necessidades especiais. Hoje temos vários estudantes com síndrome de Down ou autistas que estão nas universidades, trabalhando, casando, constituindo famílias.

Então, nesse e em outros sentidos o Brasil precisa avançar, compreender os sujeitos, seus processos e possibilidades. É

justamente aí que a assistência da psicologia na escola pode fazer diferença.

■ **E na sua atuação, como especialista e na Secretaria de Educação, quais são as principais demandas diretas de psicologia que partem dos estudantes?**

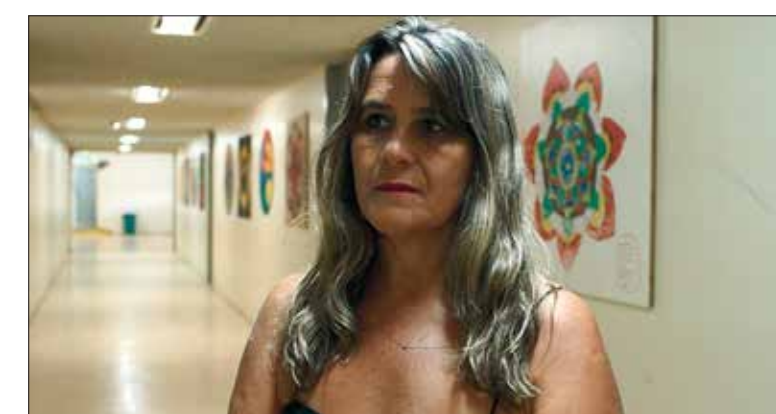
Eles buscam sobretudo quando convivem com prática de violências, abuso de álcool e drogas. A adolescência já é um período muito reflexivo, por ser um momento de transição e trazer toda uma gama de dificuldades e necessidades inerentes a esse processo. E a escola é o espaço para a construção do saber social. Por isso, os educadores têm que estar junto com a gente na defesa dos psicólogos na escola, auxiliando no processo de desenvolvimento humano. A experiência social é muito ampla pela escola, é nela a primeira oportunidade social depois da família.

O aluno deve usar todo o seu potencial, diz orientadora

A orientadora educacional do colégio Elefante Branco, uma das maiores escolas públicas de ensino médio de Brasília, Lúcia Helena Marques, defende que a presença efetiva da psicologia no ambiente escolar melhoraria o desempenho dos estudantes na escola e na vida.

■ **Você sente que o jovem hoje tem sentido mais necessidade de apoio psicológico?**

Lúcia Helena — Com certeza. Hoje os estudantes têm que lidar com muitas pressões que se tornaram inerentes à vida social, e a escola acaba se tornando mais um peso. Se eles contassem com profissionais para ter apoio psicológico dentro da escola, poderiam descobrir e aproveitar melhor seu potencial. Com certeza iriam melhor tanto na vida acadêmica quanto na vida social. E facilitaria a convivência nas famílias, porque há também nelas uma grande desestrutura.



Lúcia Helena acredita que assistência na escola teria reflexos positivos nas famílias

■ **Quais são os principais problemas com que as escolas têm que lidar?**

No ensino médio estão geralmente adolescentes de 14 a 19 anos, e sabemos que essa é uma fase de transição entre a infância e a vida adulta, em que eles querem experimentar, testar, conhecer tudo. Aliás, conhecem tudo. Dentro da escola, passam por problemas de *bullying*, uso indevido de drogas, acabam

enveredando para o alcoolismo. Temos casos de famílias que não conseguem mais controlar. Os pais chegam na escola e falam, “deem um jeito para mim”. Mas o orientador educacional não tem poder nem formação para isso. Esses problemas individuais e familiares acabam afetando muito o desempenho acadêmico do adolescente e acabamos precisando atender até as famílias.



Para Vanuza Sales, é importante prevenir o uso de álcool e outras drogas



Assista a vídeo da Agência Senado com entrevistas sobre o projeto de assistência psicológica nas escolas: <http://bit.ly/psicologoescola>

Saiba mais

Projeto da Câmara sobre apoio psicológico nas escolas (PLC 76/2011)
<http://bit.ly/PLC76de2011>

Projeto do Senado (PLS 557/2013)
<http://bit.ly/PLS557de2013>

Consulta pública no e-Cidadania
<http://bit.ly/consultaPLS557>

Veja todas as edições do Especial Cidadania em www.senado.leg.br/especialcidadania